

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO
SUL DE MINAS GERAIS
CÂMPUS MUZAMBINHO**

Curso Superior de Licenciatura em Educação Física

MARCELA EDUARDA DA SILVA

GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA

Um olhar sobre as visões de gestores e professores de duas escolas de
Muzambinho

Muzambinho
2013

MARCELA EDUARDA DA SILVA

GÊNERO E EDUCAÇÃO FÍSICA

Um olhar sobre as visões de gestores e professores de duas escolas de Muzambinho

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Câmpus Muzambinho, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Ms. Mateus Camargo Pereira

Muzambinho
2013

COMISSÃO EXAMINADORA:

Muzambinho, ____ de _____ de 2013.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que acreditaram em minha capacidade de vencer mais esta dupla etapa em minha vida. Acreditar em nosso potencial é nos lançar para frente e nos fazer buscar nossos sonhos com unhas e garras, é fazer realidade o que um dia foi apenas um sonho. Em especial, dedico a Deus, aos meus familiares, aos meus queridos amigos e ao meu orientador na qual foi peça muito importante nestes três anos de jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus por me capacitar a cada instante nos desafios acadêmicos e a meus familiares que não mediram esforços em acreditar nos meus projetos de vida. Agradeço também as escolas que aceitaram colaborar com esta pesquisa, aos meus amigos de classe e aos professores do curso que muito contribuíram para minha formação profissional.

EPÍGRAFE

"O que revela a nossa força não é sermos imbatíveis, incansáveis, invulneráveis. É a coragem de avançar, ainda que com medo. É a vontade de viver, mesmo que já tenhamos morrido um pouco ou muito, aqui e ali, pelo caminho. É a intenção de não desistirmos de nós mesmos, por maior que às vezes seja a tentação. São os gestos de gentileza e ternura que somente os fortes conseguem ter."

Ana Jácomo

SILVA, Marcela Eduarda da. Gênero e Educação Física: um olhar sobre as visões de gestores e professores de duas escolas de Muzambinho. 2013. Número de folhas: 51f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Licenciatura em Educação Física) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Câmpus Muzambinho, 2013.

RESUMO

Este estudo tem o objetivo de diagnosticar como se encontra o debate sobre gênero a partir dos documentos oficiais e da visão dos gestores e professores de Educação Física de uma escola de rede pública municipal e outra de rede privada da cidade de Muzambinho – MG. Foram entrevistados dois gestores e dois professores de educação física, além de se observar dez aulas de educação física referentes ao ensino Fundamental I. Tendo como referência o estudo de Goellner (2010), foram analisadas as concepções dos gestores e professores de Educação Física através da abordagem de pesquisa descritiva, utilizando para a coleta de informações entrevistas semiestruturadas, contendo questões sobre as relações de gênero nas escolas. Os resultados apresentam uma grande falta de informações e conhecimentos no que diz respeito ao debate sobre gênero nas escolas e para práticas inclusivas. Conclui-se então, que tanto os profissionais da escola (professores de educação física e gestores) quanto os documentos analisados, não contemplam o tema nas práticas do cotidiano escolar. Logo, sugere-se que estas questões sejam repensadas, tanto na prática educacional dos profissionais, quanto nas orientações e conhecimentos analisados nos documentos oficiais norteadores do trabalho dos educadores de forma com que a educação não reforce os estereótipos de gêneros existentes.

Palavras-chave: Corpo, cultura, gênero, escola, educação física.

SILVA, Marcela Eduarda da. Gender and Physical Education: a look at the views of managers and teachers from two schools of Muzambinho. 2013. Number of pages: 51f. Labor Course Completion (Bachelor of Physical Education) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais – Câmpus Muzambinho, 2013.

ABSTRACT

This study aims to diagnose as is the debate about gender from official documents and the vision of managers and PE teachers from a school of public health system and other private network of the city of Muzambinho - MG. We interviewed two managers and two physical education teachers, besides observing ten physical education classes for the Elementary Level I. With reference to the study of Goellner (2010), we analyzed the conceptions of managers and PE teachers through a descriptive approach, using information gathering semistructured interviews, containing questions about gender relations in schools. The results show a great lack of information and knowledge with regard to the debate on gender in schools and inclusive practices. It was concluded that both the professional school (physical education teachers and managers) and the documents analyzed do not include the topic in the practices of everyday school life. Therefore, it is suggested that these issues be reconsidered, both in educational practice of professionals, as the guidelines and knowledge analyzed in official documents guiding the work of educators so that education does not reinforce existing gender stereotypes.

Keywords: body, culture, gender, school, physical education.

LISTA DE ABREVIações

PCN Parâmetros Curriculares Nacionais

LDBEN Leis de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
PROBLEMA	13
JUSTIFICATIVA	14
OBJETIVOS	15
1 REVISÃO DE LITERATURA	16
1.1 CORPO, CULTURA E GÊNERO	16
1.2 AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	23
2 METODOLOGIA	28
3 RESULTADOS E DISCUSSÕES	31
CONCLUSÃO	48
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

Compreender as relações de gênero na sociedade se torna um desafio cada vez mais presente na atualidade. Os estudos acerca das relações de gênero nas escolas têm crescido na academia nos últimos anos. Autores como Fernandes (2008), Daolio (1995), Knijnik e Zuzzi (2010), Goellner (2010) têm trazido contribuições sobre esse assunto na educação física. Na mesma direção, a intenção com este trabalho é investigar o tema “Relações de gênero na educação física escolar” e, mais especificamente, interpretar como o assunto está caracterizado em duas escolas de Muzambinho-Mg, nas concepções dos professores de educação física e gestores dessas escolas. Ambas atendem ao ensino fundamental I (1º ao 5º ano). A primeira escola é de rede pública municipal e a segunda, privada.

Este trabalho justifica-se por subsidiar futuras intervenções no campo da política pública de formação continuada, entendendo que o tema está pouco presente no cotidiano escolar, ainda que previsto nos documentos oficiais há cerca de 15 anos, constando por exemplo, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) e nas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDBEN). Conhecer as facetas do gênero na escola significa refletir sobre a realidade e aplicar na prática profissional, de forma com que a educação derivada da escola não reforce os estereótipos existentes.

Para este propósito foram utilizados alguns recursos bibliográficos que auxiliaram no entendimento sobre o que se quer dizer quando se pensa em gênero, bem como suas aplicações gerais na sociedade dentro das escolas. Para compor a amostra foram selecionados dois gestores e dois professores regentes da Educação Física das escolas em questão. Objetivávamos conhecer suas percepções a respeito da abordagem do tema nos ambientes educacionais e nos documentos norteadores da educação.

Na primeira etapa, foi feito um levantamento bibliográfico a fim de identificar as discussões a cerca das relações de gênero na academia. Em seguida, para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os gestores responsáveis pelas escolas, no intuito de interpretar suas concepções sobre o tema abordado nesta pesquisa. Posteriormente, foram observadas dez aulas de educação física nas referidas escolas, buscando diagnosticar como a questão se apresenta na

realidade escolar e como os professores de educação física e gestores da mesma tratam efetivamente a questão.

No capítulo 1 foi feita uma breve introdução do assunto a ser abordado neste presente trabalho apresentando nossos objetivos, justificativas e propostas.

No capítulo 2 é esboçado o referencial teórico sobre as relações de gênero reconhecendo sua importante relação com a sociedade e com o corpo. Em seguida, é iniciado um diálogo sobre a influência das questões de gênero no âmbito da educação física escolar, levantando informações sobre a abordagem do tema nos documentos norteadores do trabalho docente. No capítulo 3, é apresentada a metodologia seguida da discussão da pesquisa de campo e seus resultados. Tecemos, posteriormente, nossas considerações finais.

PROBLEMA

A partir dos parâmetros estudados e da necessidade em se tratar de gênero nas escolas, qual é a compreensão e práticas de gestores e professores de Educação física do ensino fundamental I da rede pública e privada de Muzambinho-MG acerca das questões de gênero?

JUSTIFICATIVA

Os estudos acerca das relações de gênero nas escolas têm sido palco de grandes discussões nos últimos anos em nossa sociedade. Para tanto, este presente trabalho justifica-se na relevância em conhecer as práticas docentes encontradas nas aulas de educação física escolar, bem como a própria prática dos alunos em suas relações diárias. Através dos objetivos traçados nesta pesquisa é possível subsidiar futuras intervenções no campo da política pública de formação continuada e refletir sobre a prática dos profissionais atuantes nas escolas a respeito das relações de gênero. Isto contribui com uma educação mais igualitária, aliás, segundo Zuzzi e Knijinik (2010, p. 59): “Compreender a corporariedade à luz da análise de gênero nos faz desmistificar uma série de estereótipos e preconceitos que influenciaram a história da educação física no que diz respeito às praticas corporais e esportivas para homens e mulheres”.

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

O objetivo geral é diagnosticar como está o debate sobre gênero a partir dos documentos oficiais e das concepções dos gestores e professores de educação física do ensino fundamental I (1º ao 5º ano) de duas escolas da cidade de Muzambinho, uma de caráter privado e outra de rede pública.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Conceituar gênero;
- Discutir as perspectivas históricas que caracterizam as facetas do gênero;
- Identificar as discussões a respeito de gêneros nos documentos norteadores do trabalho profissional;
- Interpretar as concepções dos diretores e professores de educação física a respeito do assunto;
- Analisar as relações de gênero decorrentes nas aulas de Educação Física.

1 REVISÃO DE LITERATURA

1.1 CORPO, CULTURA E GÊNERO

Não podemos negar que ao longo dos tempos o ser humano vem marcando fortemente seus traços na natureza. Ele cria, constrói e renova constantemente o mundo a sua volta. É um ser produtor de cultura, sendo ela a marca mais exclusiva dos corpos de sua nação em determinado tempo e espaço na história da humanidade. Sabendo disso, é correto afirmar que esta discussão gera cada vez mais distinção entre a diversidade e as diferenças padronizadas por cada sociedade. Diante do exposto, adere-se ao posicionamento enunciado por Silvana Goellner (2010, p.72):

[...] Os sujeitos são diferentes não apenas por pertencerem a classes sociais distintas, mas, sobretudo, porque são produzidos também a partir de outros marcadores identitários, tais como gênero, geração, raça/etnia, sexualidade, capacidade física, entre outros.

Sendo assim, pode-se ainda compreender que o ser humano não se diferencia apenas por sua representação nata, biológica, mas por diversos fatores que afetam normativamente o modo de vida de cada sociedade (DAOLIO, 2010). É neste contexto que pesquisadores da área se propuseram a estudar as vertentes que classificam o ser humano aos seus derivados significados na história de nosso planeta em determinadas visões de mundo. Partindo destas ideias, não se pode deixar de abordar um assunto que leva em conta o entendimento sobre os conhecimentos de gêneros sem antes observar a maneira como o ser humano se organiza e se apropria do mundo ao seu redor.

Para isso, é preciso ressaltar a importância do inter-relacionamento entre natureza e cultura neste processo. Aliás, segundo Geertz, citado por Daolio (1995, p. 25) “a natureza do homem é ser cultural, não podemos imaginar um ser humano que não seja fruto da cultura e nem um corpo natural, não cultural”. Diante disso é preciso reconhecer que esta distinção está interligada a diversas influências internas e externas presentes nas condições de vida de cada ser humano que se apropria da sociedade em que vive. Desta forma, pode-se dizer que a cultura é derivada de um processo educacional. Em nossa cultura talvez não se tenha o desejo de comer cachorros como fazem os coreanos, assim como muitas pessoas também não saciam sua sede com um chimarrão, hábito dos gaúchos. No Brasil, mulheres

andam tranquilamente pelas ruas sem problemas em mostrar seus rostos; já na Arábia isso é proibido. Portanto, as duas facetas não podem ser vistas separadamente e sim como complemento uma da outra. Daolio (2003) afirma que não existe um corpo natural que nunca tenha sido influenciado por uma cultura, seja ela qual for.

Segundo Ferreira (2001, p. 345) o conceito de cultura está atrelado ao “complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições, das manifestações artísticas, intelectuais, etc., transmitidos coletivamente, e típicos de uma sociedade”. Podemos então dizer que são valores, crenças, maneiras de se viver a vida oriundas de uma construção social, passadas de geração em geração, de avós para pais, de pais para filhos e assim por diante, na qual se diferenciam muito em seu sentido de análise do real, no que se acredita ser bom ou não. Isto é construído e padronizado por cada sociedade, em determinado tempo e local diferente. Considerando-se as discussões acima, pode-se afirmar que estas questões estão presentes na vida dos indivíduos desde sua gestação, passando pela sua infância, juventude, velhice e por todo o tempo em que o ser estiver interagindo e permitindo-se interagir com a sociedade em que está inserido. Se analisar um país como o Iraque, de cunho religioso muçulmano, vamos perceber uma cultura muito diferente da nossa. Desde que nascem, os meninos e as meninas são criados pelas suas famílias sobre algumas tendências nas quais se educa para um casamento poligâmico. Nesta cultura muçulmana é muito comum que o casamento ocorra entre um homem com várias mulheres. Por outro lado, no Brasil e em tantos outros países isto com certeza seria uma polêmica que daria lugar a um grande estranhamento, além de ser tratado como um crime, pois a cultura do nosso país, majoritariamente católica, pauta-se pelo casamento monogâmico. É importante compreender que em nossas discussões não estamos apontando o que é certo ou o que é errado, mas constatando que as respostas estão diretamente ligadas à cultura do ser humano representada por um corpo vivo.

Existem várias maneiras de se manifestar e expressar as diferentes culturas espalhadas pelo mundo todo, cada qual com suas próprias características, fruto de uma construção social histórica. Isto se dá através da maneira como os seres humanos escolhem se representar no meio em que vivem. Logo, a cultura pode se manifestar através da forma de pensar, agir, falar, se alimentar, sentir, vestir-se,

comunicar-se, e dentre tantas outras palavras que poderiam ser citadas aqui, inclusive através do gênero assunto ao qual é referido neste trabalho. Estas considerações nos mostram as identidades dos seres humanos. Portanto, não há como imaginar um corpo natural que represente tudo isso por si só, mas que há uma grande interferência das marcas das culturas construídas ao longo dos tempos, assim como afirma Goellner (2010) quando explicita em seu texto que nem mesmo aquilo que é dado como natural do corpo existe sem a intervenção da cultura.

Partindo da ideia de que os seres humanos são ativos em seu processo de construção das identidades através de sua realidade, aderimos ainda à compreensão de Daolio (2003) sobre o processo de marcadores identitários nos corpos. Durante o desenvolvimento e a adesão dos sentidos dados aos corpos ocorre um processo simultâneo em contrapartida com a cultura trazida em discussão. Tudo o que acontece no corpo só acontece por meio da incorporação. Através dela o ser humano vai assimilando e se apropriando de valores, normas e costumes sociais. Neste processo o indivíduo adquire o próprio conteúdo cultural, que se instala no corpo, no conjunto de suas expressões. Isso varia em diferentes épocas, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, éticos, entre outros. Na prática, um dos exemplos deste aspecto nos corpos estaria na discussão sobre o uso de certas vestimentas e acessórios para homens e para mulheres que se associam a leitura de realidade de cada povo. Perante uma visão tradicional, no Brasil, desde pequenos os meninos são educados a usar calças, sapatos, camisas, bonés, chapéus e cabelos curtos. Já as mulheres se aderem a vestidos, saias, blusas, sandálias, cabelos longos, colares, brincos e etc. Quando pensamos em meninos, se recorda que desde que nascem já o são aderidos a roupas azuis ou verdes, por outro lado as meninas já são realçadas da cor de rosa, com facha na cabeça e furo nas orelhas.

Diante desta questão, não se pode deixar de abordar a importância do corpo neste processo que parte da cultura, deriva de uma construção social e resulta em uma interferência educacional. Sabendo disso é relevante lembrar que as marcas da cultura se inserem no corpo e por meio dele também se manifesta a diversidade da vida que caracteriza o que somos. Para Goellner (2010, p. 71) “o corpo não é algo que temos, mas algo que somos”. Portanto, não há como falar de corpo sem falar de nós mesmos, de nossa subjetividade, daquilo que somos ou que gostaríamos de ser.

Ainda, segundo a autora, quando dizemos corpo, estamos nos referindo não somente a materialidade biológica que nos constitui, mas a nós mesmos.

Sabendo disso, Goellner (2010, p.72) também contribui em tais discussões. Ela afirma que a existência é corporal, afinal,

Um corpo não é apenas um corpo. É também o seu entorno. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos...enfim, é limite de possibilidades sempre reinventadas, sempre a descoberta e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas fundamentalmente os significados culturais e sociais que a ele se atribuem.

Compreendido dessa maneira, o corpo se torna mais um dos aspectos importantes em nossas discussões. Atuar no corpo implica atuar sobre a sociedade. Cada conjunto de posturas e movimentos corporais representam valores e princípios culturais. Ele é a síntese das culturas, maneira como nos representamos em sociedade.

É neste contexto de influências da cultura sobre o corpo que pensamos a questão da formação do gênero que não deixa de ser uma forma de organização de mundo ensinada por cada sociedade, já que a educação do indivíduo é marcada pela história e pelos costumes de cada povo. Quando nos referimos aos conhecimentos direcionados ao gênero é preciso identificar quais requisitos classificam esta palavra aos seus correspondentes significados. A autora Haraway citada por Mariano (2010) relata que a raiz da palavra em inglês, francês e espanhol é o verbo latino *generare*, gerar, e a alteração latina *gener-*, raça ou tipo. A autora ainda reforça que em relação à língua portuguesa, a palavra geralmente aparece associada a outros contextos, como por exemplo, o musical e/ou literário. Percebemos que o mais importante nestas discussões é revelar nestes sentidos a mesma ideia de classificação que transpassa todos os conceitos.

Logo, o que quer dizer exatamente o termo gênero? Ao que ele está associado? Qual poderia ser o objetivo de uma reflexão que utiliza o gênero como instrumento de interpretação da construção social dos corpos? Estas e outras questões estão sendo alvos de grandes pesquisadores nos últimos tempos, já que sua demanda está cada vez mais presente no mundo contemporâneo, influenciando

e transformando os padrões criados pela raça humana que agora mostram uma visão tradicional abalada pela atualidade.

O conceito de gênero não possui uma compreensão única, porém muitas delas discutidas por importantes autores tomam formas semelhantes em seu desenvolvimento, relevantes ao nosso entendimento. Gebara (2000, p. 104) aponta que o “gênero se trata de um importante instrumento para mostrar a inadequação das diferentes teorias explicativas da desigualdade entre homens e mulheres por meio da natureza biológica.” Concretamente trata-se de mostrar que poderes atuam na divisão social do trabalho e na organização de diferentes aspectos da vida em sociedade, ligados a relação entre homens e mulheres.

Por outro lado, Scott, citado por Mariano (2010), apresenta o gênero como uma maneira de se referir à organização social da relação entre os sexos. Para os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997), gênero diz respeito ao conjunto das representações sociais e culturais, construídos a partir da diferença biológica dos sexos. Porém, adotamos para esta pesquisa o que Goellner (2010, p 76) adere em seu texto, classificando o conceito de gênero como “a condição social e cultural ao qual nos identificamos como masculino e feminino que envolve processos que marcam os corpos”. Ou seja, tudo aquilo que aparentemente e internamente nos faz adotarmos os significados aos nossos corpos em masculino e feminino. Estas questões estão inteiramente ligadas aos requisitos estudados sobre o corpo.

Assim, pode-se compreender que o gênero por si só é construído social e culturalmente e envolve um conjunto de processos que vão marcando os corpos, a partir daquilo que se identifica como sendo masculino ou feminino. As marcas do gênero se inserem no corpo. Goellner (2010) bem exemplifica estas questões quando aborda que a formação cultural é um processo de aprendizado. Ensina-se a ser:

Nosso corpo revela o tempo no qual foi educado e produzido, razão pela qual, ao mesmo tempo em que somos diferentes, somos também muito parecidos. Um exemplo disso é que, nos dias atuais, dificilmente encontramos uma mulher usando espartilho com fins estéticos, como acontecia, por exemplo, no final do século XIX e no início do XX, ou seja, nenhuma menina hoje é educada a suportar os apertos de um espartilho de forma que sua ação sobre o corpo lhe confira um formato que, naquele tempo, era considerável desejável. Os constrangimentos corporais são outros (GOELLNER, 2010, p. 73).

Por isso, tratar de gênero é diferente da discussão sobre sexo. Não

podemos deixar de salientar aqui a distinção e ao mesmo tempo a relação existente entre os dois temas. É certo que entendemos os gêneros como os fatores que aderimos para sermos classificados como homens e mulheres. Já o sexo, segundo Goellner (2010), é o termo usado para identificar as características anatômicas que diferenciam os homens das mulheres e vice-versa, ou seja, é o que temos biologicamente. Em outros termos, gênero é o que construímos ou o que somos; já sexo é o que temos. Portanto, o gênero é a construção social do sexo.

É neste contexto que Graciano, citado por Oliveira (1996), aborda que desde o nascimento, assume-se o papel que a sociedade ensina, de acordo com o sexo ao qual se pertence. Sendo assim:

O sexo é definido sem dúvida, como uma característica muito importante em termos de desenvolvimento da criança; determina em grande parte que tipo de pessoa será, que roupa vestirá, quais brinquedos preferidos, as oportunidades profissionais e o papel familiar que vai desempenhar na vida adulta. Ser homem ou ser mulher é fundamentalmente diferente em nossa cultura onde os papéis sexuais são ainda prescritos com muita rigidez. (Graciano citado por OLIVEIRA, 1996, 29)

Para exemplificar esta rigidez discutida acima, temos hoje o que chamamos de padrão, que é entendido como o modo normal, ou a maneira correta de ser, fazer e viver a vida. Tudo o que está fora deste padrão é marginalizado pela sociedade ou visto de forma amenizadora, preconceituosa ou anormal. Estes padrões são criados historicamente pelas sociedades, caracterizando as próprias marcas dos corpos que fazem sentido apenas para aquela realidade, em determinado tempo e local. Um fator que nos comprova este exemplo está na discussão em definir como é o corpo belo exigido e imposto praticamente por todo o território nacional atual. Seria um corpo magro? Alto? Esbelto? Podemos afirmar que sim.

Portanto, temos um processo educacional na formação do gênero. Neste aspecto, se nascemos homens ou mulheres, nós já somos “predestinados” através de um padrão a ser aprendido, a viver de determinadas formas na qual todos os indivíduos devem pensar, ser e agir igual. De antemão podemos dizer que somos privados de uma vida livre por diversos preconceitos que rondam questionando ou afirmando a masculinidade e a feminilidade dos seres. Graciano, citado por Oliveira (1996), confirma essas ideias quando menciona que:

Em geral, as normas sociais prescrevem uma postura dominadora, agressiva e ativa para os homens, contraposta a certa passividade e submissão da mulher. Isto diz respeito não apenas ao comportamento observável (quem toma decisões, quem trabalha mais ou é mais ativo), mas

às atitudes e valores mais profundos, nem sempre explícitos, que subjazem e determinam os comportamentos. (GRACIANO citado por OLIVEIRA, 1996, 31)

Eis aí um grande paradigma de nossos estudos. Se as culturas são diferentes, construídas a partir da realidade de cada sociedade, o mesmo que grupo de pessoas (diferente de todas as pessoas), porque ainda existe fortemente o pensamento que nos tempos de hoje as pessoas devem seguir rigidamente um padrão preestabelecido por cada um, derivado do meio em que vive? Isso pode ser repensado quando bem entendemos aqui o que é a cultura e o seu valor na sociedade atuante.

Sabendo disso, quais as marcas levam um corpo a ser classificado como masculino ou como feminino? Para esta questão, os autores Fernandes (2008), Pereira e Castelan (2011) e Goellner (2010) discutem dizendo que os corpos são generificados. Dizer que os corpos são generificados significa dizer que eles passaram por um processo no qual as marcas do gênero se inserem no corpo. O mesmo se dá quando falamos que as práticas humanas são vinculadas a generificação, que se refere a um processo de ensino construído, socialmente influenciado pelos valores presentes na cultura, que contribuem para que meninos e meninas assumam características que as associem ao masculino e feminino. Portanto, é importante refletir as seguintes questões: O que é mesmo feminino e masculino? Ou melhor: O que seria masculino e feminino quando observados a partir da grande proporção de cada cultura, encontrada diferentemente em cada maneira de se viver, pensar e agir na sociedade em uma realidade única em que cada ser está inserido?

Devido a estes questionamentos e tantas outras perguntas que levam em conta a classificação do ser humano em corpos femininos ou masculinos, surgem os chamados estereótipos. Para tanto, é importante analisar o que Goellner (2010) discute quando afirma que os corpos são multifacetados sendo que cada um deles possuem suas singularidades e especialidades: adulto, femininos, masculinos, católicos, obesos, atléticos, etc.

Contudo, podemos então compreender que esta relação não acontece igualmente em nenhum lugar do mundo reconhecendo que o segredo se encontra justamente no que se classifica como bom ou não para cada cultura, na qual o gênero tem seus traços marcantes perante uma forma de organização de mundo

única e universal ao mesmo tempo. Aliás, conforme AvtarBrah, citado por Mariano (2010, p.17), “as desigualdades de gênero penetram em todas as esferas da vida”.

1.2 AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO ÂMBITO DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

É conhecendo as derivadas facetas que as discussões acerca de gêneros são debatidas, que podemos afirmar que a cultura é resultante das características aderidas por cada sociedade, caracterizada pela educação dos corpos. Goellner (2010, p. 74) aborda estas questões quando afirma que,

O corpo é educado por meio de um processo contínuo e minucioso, cuja ação vem conformando formas de ser, de parecer e de se comportar. Educa-se o corpo na escola e fora dela: na religião, na mídia, na medicina, nas normas jurídicas, enfim, em todos os espaços de socialização com os quais nos deparamos, cotidianamente com recomendações, como, por exemplo, sobre o vestuário, a alimentação, o comportamento, a aparência, os gestos, a movimentação, as práticas sexuais, a saúde, a beleza, a qualidade de vida. Educa-se o corpo também no esporte, no lazer e nos projetos sociais.

Para tanto, podemos compreender que as manifestações do gênero estão mais presentes em nosso dia a dia do que pensamos. Ele é o que somos e como nos organizamos a todo o momento e em todo lugar. Não se deriva, portanto, de fatos momentâneos ou escolhas individuais de adequação na sociedade, mas de uma construção histórica cultural de incorporação.

É neste contexto de educação dos corpos que vamos analisar as relações de gênero na escola, local de grande encontro das culturas que aqui muito nos interessa.

É fato que na escola nos defrontamos com uma grande diversidade de pessoas que trazem consigo maneiras diferentes de viver a vida, sendo que cada um reflete sua cultura em tudo o que faz e é. Mariano (2010) bem pontua o processo derivado da aprendizagem do gênero na escola quando discute que,

Esse aprendizado também se faz dentro da escola, pela convivência com todos aqueles que colaboram para o funcionamento da instituição (funcionários/as, diretoras/es, cozinheiras/es e entre os/as próprios/as alunos/as, além, obviamente, dos professores e professoras. Ainda mais ao pensarmos que a escola pode ser (e o é), em muitos casos, um local onde a criança passa a maior parte de seu tempo durante o dia, passamos a entendê-la como uma grande responsável pela transmissão daquilo que a criança conhece e crê como válido no mundo em que vive. (MARIANO 2010, p.18)

Sabendo disso, pode-se perceber a importância em se tratar de gênero na escola reconhecendo que as relações existentes internamente e externamente não deixam de ser uma intervenção no constante processo de constituição do sujeito (Mariano, 2010), sendo que seus conflitos são cada vez mais recentes e gritantes a cada dia.

Vamos pensar em algumas situações que nos ajudam a compreender e construir nossos conhecimentos sobre as demandas de gênero na escola. Estas questões estão muito presentes na realidade, aliás, elas aparecem de forma nítida nas relações entre os alunos e nas brincadeiras diretamente ligadas à sexualidade (Brasil, 1997). Quando pensamos em uma partida de futebol no recreio das crianças, geralmente quem está jogando? E em uma apresentação de dança na escola, quem está dançando na maioria das vezes? Quando pedimos para que se forme uma fila dentro da sala de aula, como eles se organizam automaticamente? Quando pensamos nos brinquedos, carrinhos ou bonecas, quem está brincando? De onde vem a ideia de que meninos não choram? E a que meninas devem ser frágeis e delicadas o tempo todo?

Logo, não podemos negar a existência destas questões e sua influência nas relações sociais existentes também no meio educacional. É fato que as práticas encontram-se genericadas, conforme afirma Fernandes (2010).

Nosso corpo revela o tempo no qual foi educado e produzido, razão pela qual, ao mesmo tempo em que somos diferentes, somos também muito parecidos (GOELLNER, 2010). Muitos devem se perguntar qual é o problema em não se tratar das questões de gênero desta ou de outra maneira na escola, ou então afirmar ser algo natural entre as crianças e adolescentes. Por isso é preciso conhecer, refletir e transformar a prática diária, uma vez que no papel de educadores, lidamos com uma grande diversidade de pessoas diferentes e únicas, sem perder de vista o nosso importante objeto de trabalho que é a educação. Aliás, “nem mesmo aquilo que é dado como natural do corpo existe sem a intervenção da cultura” (GOELLNER, 2010, p.73).

Conhecer o feminino e o masculino nas relações de gênero vai muito além das questões de ser homem ou ser mulher, aderir estas ou aquelas posturas. Segundo Fernandes (2010), existe uma imagem hegemônica de criança que se transpassa como um padrão imposto para todos e se degrada em diversos fatores

negativos quando nos referimos à escola,

Essa imagem hegemônica de criança é ilustrativa de alguns dos marcadores sociais da diferença que historicamente estabeleceram uma relação de dominância em nossa sociedade. Em sua maioria, esses marcadores dão visibilidade a um modelo de criança branca europeia, masculina, de classe média, de orientação religiosa católica, Essa imagem tende a produzir assimetrias de poder entre elas, porque postula um modelo de criança em detrimento das outras expressões de gênero, sexualidade, classe, etnia, religião que fervilham no contexto escolar. (FERNANDES, 2010, p. 109)

Diante desta discussão, é certo que este fator se degenera em meios de preconceito e discriminação entre as crianças, desde muito cedo, a começar na família e se desdobrar dentro da escola. E é nestes termos que tudo aquilo que é diferente, muitas vezes se torna desigual no meio social, e este é o problema, aliás, para Goellner (2010, p. 72) “ser diferente não é ser desigual”. Quantos educadores já passaram por situações em que meninos e meninas eram excluídos dos demais colegas por não possuírem as características padronizadas pela sociedade? Fernandes (2010, p.111) bem nos exemplifica esta questão quando discorre em seu texto um relato de experiência, indagando um acontecimento durante uma aula na segunda série. O fato acontece quando uma aluna ouve um menino gritar: “Cabelo de Bombril”, a ofendendo de maneira provocativa e repetidamente em tom nada agradável dentro da sala. Perceba tudo o que está padronizado, gerando constrangimento e diferença na realidade.

Se as práticas estão padronizadas ou generificadas, não significa dizer que todos podem ter acesso a certas coisas e muito menos são obrigados a viver desta ou de outra maneira. Este fator gera diversas consequências em âmbitos sociais e psicológicos no ambiente escolar, inferiorizando os seres humanos ao ser e ao ter, enquanto outros são vistos como “normais” e, por isso, superiores. Neste caso, Fernandes (2010) ressalta em seu relato de experiência que:

Duas palavras nada inocentes que, ditas daquela maneira, no calor de uma confusão entre as crianças, revelava sentidos de ofensa, de feiura, de “menos” menina à criança negra, oprimindo-a diante da boca enorme que expressava sem cessar. Elas continham uma expectativa de beleza infantil que a criança não representava. Dizer “cabelo de Bombril” continha que ser bela é ter cabelos lisos e não enrolados como os dela. Assim, suas características étnicas “deveriam” diminuí-la, enfeia-la diante das demais crianças. (FERNANDES, 2010, p.111)

Neste relato de experiência observa-se um estereótipo de beleza feminina não encontrada em uma criança negra e este motivo central acarretava diversos

outros tipos de preconceitos, sendo eles derivados da própria etnia da aluna. Se nos aprofundarmos nesta discussão do relato acima, vamos perceber que no caso da etnia, diversas atitudes poderiam ser tomadas pelo professor naquele momento. Uma hipótese ao qual nos cabe exemplificar aqui é que o educador poderia parar a aula e ministrar este conflito como se fosse um sério preconceito, tomando medidas pedagógicas imediatas a favor de minimizar a gravidade do acontecimento.

Com base nos relatos da autora, agora veja um segundo fato que nos revela um estereótipo de gênero. Um garoto da sala representa um comportamento que não atende as demandas da visão tida como normal naquela realidade para meninos e faz uma pergunta em voz alta para professora que está à sua frente. Neste momento, um de seus colegas de classe ouve e percebe uma maneira de falar que muito caracteriza a feminilidade e grita: “Mulherzinha! Mulherzinha!”, provocando-o incessantemente. Perceba, qual seria o papel do educador perante esta situação? Será que ele poderia dizer a famosa frase “fale que nem homem, menino!”, ou então, “por que você está falando assim?” Tratando do problema como se fosse algo comum e não relevante a ponto de não parar a aula e resolver o conflito, ou seja, reforçando os estereótipos de gênero existentes, concordando com a gozação.

Estes estereótipos de gênero muitas vezes ficam camuflados pelos educadores, como se não existissem e não tivessem influência nenhuma na vida dos alunos.

É neste contexto que a escola tanto pode minimizar os preconceitos de gênero decorridos nos conflitos existentes como também ser forte influência para reproduzi-lo e reforçá-lo. Desta forma Fernandes (2010) ainda afirma que:

As escolas são, com frequência, locais de reprodução das relações de poder historicamente desiguais que perpassam toda a nossa sociedade. No entanto, como um espaço privilegiado voltado a educação das pessoas, as escolas podem/devem investir na construção de um conhecimento crítico, que problematize as construções sociais de poder entre as crianças no cotidiano escolar. (FERNANDES, 2010, p.112)

Por isso a importância das discussões acerca da influência da cultura e do respeito à diversidade. A escola e o grupo pedagógico devem estar preparados e embasados para trabalhar com as diferenças, percebendo-as no dia a dia com muita cautela para não serem profissionais que comumente se tornam reprodutores de padrões na escola. Educar significa intervir no processo de aprendizagem dos alunos, por isso Goellner afirma em seu texto:

[...] qualquer prática pedagógica se faz por meio da intervenção de pessoas concretas, cujas ideias podem tanto reforçar as exclusões, os preconceitos, as violências, quanto minimizá-las. Privilegiar o respeito à diversidade, a aceitação das diferenças e o reconhecimento de que cada sujeito vale pelo que é, independentemente de sua aparência corporal, da cor da sua pele, das marcas de gênero ou da orientação sexual que adota, é tarefa necessária a cada um de nós, o que, indubitavelmente, se traduz em um grande desafio. (GOELLNER, 2010, 82)

Este desafio este diretamente interligado as práticas educativas da escola realizadas pelo grupo escolar. Por isto os Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação discorrem sua suma importância quando se trata das questões de gênero, conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos, inseridos nos temas transversais, que, portanto é uma abordagem obrigatória dentro do ambiente escola. Segundo o mesmo, as discussões acerca das relações de gêneros no âmbito da educação têm como objetivo:

[...] Combater relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e apontar para sua transformação. A flexibilização dos padrões visa permitir a expressão de potencialidades existentes em cada ser humano que são dificultadas pelos estereótipos de gênero. Como por exemplo, comum pode-se lembrar a repressão das expressões de sensibilidade, intuição e meiguice nos meninos ou de objetividade e agressividade nas meninas. As diferenças não devem ficar aprisionadas em padrões preestabelecidos, mas podem e devem ser vividas a partir da singularidade de cada um, apontando para a equidade entre os sexos. (Brasil, 1997 p. 144).

Certamente, é preciso refletir sobre as práticas educativas aplicadas e reproduzidas nas escolas. As instituições não podem estar à parte de uma constante cobrança de gêneros que perpassa as gerações, e sim problematizar as causas, fazendo um trabalho em conjunto comprometido com a diversidade cultural, construída ao longo das décadas. Apesar dos debates acerca de gênero estarem presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais, ainda é preciso uma observação mais aguçada para esta questão, de forma com que os profissionais conheçam e estejam preparados para problematizar as ocorrências em sua prática. Para este propósito, Knijnik e Zuzzi (2010) afirmam que é preciso um olhar sensível para as formas de discriminação e preconceito manifestados em nossa sociedade, sendo que é de extrema importância, não somente avaliar as atitudes e posturas assumidas por homens ou mulheres, mas ir além. É preciso considerar os valores humanos, reconhecendo a forma como nos organizamos e a busca do respeito à diversidade.

2 METODOLOGIA

Para análise deste trabalho optamos por uma abordagem de pesquisa descritiva, pois, segundo Nunes (2012) “o processo descritivo visa à identificação, registro e análise das características, fatores ou variáveis que se relacionam com o fenômeno ou processo”. Enquanto instrumento de coleta de informações é utilizada a entrevista semiestruturada, conforme será apresentado a seguir, a fim contemplar o objetivo proposto neste estudo em diagnosticar como está o debate sobre o gênero a partir dos documentos oficiais e da visão dos professores de educação física e gestores em duas escolas da cidade de Muzambinho-Mg.

Foram redigidos os seguintes questionamentos norteadores da entrevista semiestruturada dirigida aos professores de educação física nas escolas:

- 1) Em sua opinião o que são relações de gênero? Como você observa estas questões na escola?
- 2) As aulas de Educação física são mistas ou separadas por gênero?
- 3) Você já vivenciou situações de conflitos provocados pelos estereótipos de gênero durante as aulas de educação física?
- 4) Você acredita que o estereótipo de gênero entre os alunos influencia no andamento das aulas? Como?
- 5) Você acredita que as aulas separadas por gênero trazem aspectos negativos ao ensino- aprendizagem nas aulas de educação física? Por quê?
- 6) Você tem conhecimento da existência de documentos oficiais (nacionais, estaduais, locais) que abordem as questões de gênero na escola?
- 7) Você acredita que a educação física é um ambiente facilitador para o surgimento dos conflitos entre os gêneros? Por quê?
- 8) Você acha relevante trabalhar as relações de gênero nas aulas de educação física?

Em contrapartida, as questões desenvolvidas na discussão com os gestores foram pouco similares com fins em analisar a coerência e a inter-relação dos dados obtidos entre a realidade das aulas de educação física e o acompanhamento da gestão escolar para com a mesma. São elas:

- 1) Em sua opinião o que são relações de gênero? Como você observa estas questões na escola?

- 2) As aulas de Educação física são mistas ou separadas por gênero?
- 3) Você já vivenciou situações de conflitos provocados pelos estereótipos de gênero no ambiente escolar?
- 4) Você acredita que o estereótipo de gênero entre os alunos influencia no andamento das aulas? Como?
- 5) A escola já realizou alguma ação com o objetivo de problematizar as relações de gênero? Se sim, qual (is)?
- 6) Você tem conhecimento da existência de documentos oficiais (nacionais, estaduais, locais) que abordem as questões de gênero na escola?
- 7) Sabendo que a escola é uma grande instituição de encontro das culturas você acredita que ela pode influenciar na construção dos estereótipos de gênero na sociedade? Como?
- 8) Você acha relevante trabalhar com as relações de gênero nas aulas da escola?

Para compor a amostra, foram então selecionadas duas escolas, uma de caráter público e uma segunda de rede privada da cidade de Muzambinho-Mg. Os critérios para a seleção das escolas foram os seguintes: a) a escola deveria oferecer a rede do ensino fundamental I; b) conter caráter público ou privado; c) Oferecer aulas de Educação física nos períodos de aula; d) Possuir uma gestão escolar.

Sendo assim, participaram da pesquisa dois professores de educação física, sendo um pertencente à rede pública (Professor 1) e o outro a rede privada (Professor 2). Da mesma forma também fizeram parte desta amostra dois gestores pedagógicos, sendo um da rede pública (Diretor 1) e o outro da rede privada (Diretor 2).

Num primeiro momento foi feito um breve levantamento de dados bibliográficos a respeito do assunto esboçado nesta pesquisa e em seguida fomos até as escolas firmar parceria e apresentar as propostas do projeto para coleta de dados. É considerável relatar aqui que fomos muito bem recebidos na escola pública, porém na escola de caráter particular encontramos grande resistência para que a entrevista ocorresse conforme os requisitos adotados na investigação.

Posteriormente, com o apoio das escolas, realizamos a entrevista semiestruturada nos períodos solicitados pelos entrevistados, lembrando que o diagnóstico foi investigado individualmente por cada componente da amostra. Utilizamos como material de registro, um gravador de voz que nos possibilitou a

análise e prescrição dos dados obtidos. Por fim, realizamos uma observação de cinco aulas de educação física do ensino fundamental I em ambas as escolas ministradas pelos professores entrevistados no trabalho.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados abaixo foram organizados conforme as entrevistas aplicadas aos docentes das aulas de educação física e gestores. A fim de cumprir com os objetivos propostos nesta pesquisa, primeiramente tecemos a apresentação dos resultados e em seguida a discussão destes. Para fins didáticos, nomeamos a escola pública e seus funcionários como pertencentes à escola 1; os da escola privada passaram a ser chamados de 2.

ESCOLA PÚBLICA MUNICIPAL: PERGUNTA 1

Como primeira etapa desta entrevista, o professor 1 e o gestor 1 foram questionados sobre o conceito de gênero.

Ambos responderam que são relações de masculino e feminino na escola, porém é importante ressaltar que no início da entrevista os profissionais se posicionaram com dúvidas sobre o tema, manifestando, inclusive, confusões conceituais. Neste momento, foi explicado resumidamente o conceito, explorando também sobre do que se tratam as averiguações desta pesquisa. Conclui-se, portanto, que eles desconheciam o conceito técnico de gênero.

Num segundo momento, os entrevistados foram indagados sobre como eles observam as relações de gênero na escola.

Percebemos que após um curto diálogo os profissionais conseguiram diagnosticar com facilidade muitas situações direcionadas ao tema dentro do ambiente escolar, assunto que nos interessa. As concepções encontradas com esta pergunta nos mostraram que apesar do assunto não ser trabalhado especificadamente pelos profissionais, o problema entre gêneros existe, seja em forma de conflitos ou até mesmo como uma organização de meninos e meninas no ambiente. O professor 1 relatou a seguinte frase: “Eu observo esta questão com muita preocupação, porque é uma questão que envolve muito atrito”. Nestas perspectivas ele se referiu tanto às aulas de educação física, quanto aos demais momentos vivenciados pelas crianças na escola, observando as relações de gênero como causadora de diversos conflitos entre os alunos.

Já na perspectiva do gestor 1 percebemos um certo receio em abordar essa questão. Afirmou: “As relações de gênero vivenciadas aqui pelas crianças no

cotidiano escolar são saudáveis, dentro da normalidade do convívio esperado.” Ao analisar a concepção do gestor 1 nos questionamos sobre o que seria a normalidade no convívio entre os gêneros: seria a visão do “natural do corpo” abordado em nossas discussões históricas? Questionamos o gestor sobre o que seria isso. Ele afirmou que os relacionamentos entre as crianças estão como “devem ser”: meninas andam com meninas e meninos andam com meninos. Justificou com a seguinte frase: “veja: meninas sempre jogam queimada, e meninos sempre futebol, isso é normal”.

Diante desta questão, a autora Fernandes (2010) nos afirma que as relações de gênero nas escolas são mais comuns do que imaginamos, e por vezes, fáceis de ser identificadas no cotidiano escolar. Segundo a autora, “as maneiras como as crianças agem diante dos sentidos de feminino e masculino que circulam em nossa sociedade aparecem em diferentes arranjos durante as aulas” (Fernandes, 2010, p. 103). Para tanto, identificar estas questões no relacionamento entre as crianças nos aponta um fator primordial em nossas considerações, uma vez que, identificar o problema nos permite interpretá-lo e criar estratégias didáticas pedagógicas para combater os estereótipos de gênero. Nestes termos, a autora nos certifica que:

Torna-se importante preparar o olhar para enxergar essas assimetrias no contexto escolar, pois, se as diferenças de gênero se constituem de modo que criem relações desiguais de poder entre as crianças na escola, esse local também pode ser um lugar de questionamento dessas relações que perpassam nossos cotidianos. (FERNANDES, 2010, p.119)

PERGUNTA 2

Interrogamos se as aulas de educação física eram mistas ou separadas por gênero. Ambos os entrevistados (professor 1 e gestor 1) certificaram-se que as aulas eram mistas, meninos e meninas ao mesmo tempo. No entanto, há controvérsias, pois o professor 1 acredita que as aulas mistas prejudicam profundamente o objetivo das aulas de educação física, uma vez que relata a seguinte fala: “acho que devia ser separado menino e menina”. Em nossas interrogações, averiguamos que o professor 1 enfrenta grandes problemas com os relacionamentos entre meninos e meninas durante suas aulas com sérias e constantes ocorrências de conflitos originários das diferenças entre os gêneros, visto que raramente não acontecem confusões correspondentes aos aparatos de gêneros. Nestes termos ele ainda reforça que: “Se eu fosse responsável por essa parte eu separaria, fazia uma aula só

de menino e uma aula só de menina.” Para Corsino e Auad (2012, pag. 79), “o questionamento sobre as misturas ou separações nas aulas de educação física vem mobilizando diversos (as) pesquisadores (as)”. Entretanto, muito nos interessa aqui, discutir que a maioria dos estudos analisados aponta a necessidade de aulas mistas, assegurando garantir a socialização entre meninos e meninas durante as aulas, além de possibilitar no convívio diário, respeito à construção social, importante tema abordado em nossas discussões (Corsino e Auad, 2012). Estas questões nos levam a refletir que os conflitos existentes no decorrer das aulas podem não justificar a separação dos gêneros quando se pensa em uma educação para pensá-lo. Ainda, segundo os autores supracitados, os conflitos devem ser grandes aliados dos professores nos momentos de aula:

Os conflitos são momentos privilegiados para que os (as) professores (as) possam problematizar as relações de gênero durante as aulas, a partir de um olhar mais cuidadoso, que não leve a negação das resistências, mas sim, ao aproveitamento e problematização delas. (CORSINO E AUDAD, 2012, p.86)

PERGUNTA 3

Nesta mesma esfera de debate, pedimos aos entrevistados que nos dessem alguns exemplos de algumas situações que ocorriam nas aulas de educação física com relação ao gênero. O professor 1 nos relatou que um dos conflitos que mais ocorrem em suas aulas é pela posse de espaço (quadra) durante as atividades: “os meninos ficam em volta da quadra tirando sarro das meninas que estão perdendo”. Logo, também exemplificou falando sobre os minicampeonatos que acontecem toda semana na escola dizendo que devido à competição estes conflitos se elevam de forma muito mais espontânea e a todo o momento. Sobre o olhar do gestor 1, os exemplos da separação de gêneros são questões sociais, vistas como naturais, nas quais justificam o fato de meninas jogarem apenas queimada e meninos, futsal. Com este questionamento, verificamos que apesar da resposta que obtivemos de que as aulas são mistas, contradiz com a realidade que encontramos na escola. Conclui-se isso porque a partir de nossas atividades de observação, as aulas são separadas por tempo, vinte e cinco minutos para meninos (futsal) e vinte e cinco minutos para as meninas (queimada). Logo, é preciso rever o conceito de aulas mistas, bem como suas funções sociais cabíveis à área da educação física escolar enquanto importante instrumento educacional.

Mais adiante perguntamos ao gestor 1 se ele já vivenciou situações de

conflitos provocados pelos estereótipos de gênero no ambiente escolar e as respostas não apontaram o gênero como foco das discussões. O gestor afirma que já vivenciou diversos tipos de situações desagradáveis. Porém, as classifica como problemas de bullying e não de gênero. Segundo seus relatos, tratar de estereótipos de gênero é similar ao trabalho com bullying: “Por mim, as duas palavras são sinônimos”. Contudo, os autores Oliveira e Votre (2006, p. 174) trazem suas contribuições em nossas discussões afirmando que:

Bullying significa discriminação dos indivíduos por membros de seu grupo de convívio, e se manifesta em vários graus de intensidade, podendo causar exclusão dos mesmos (OLIVEIRA E VOTRE, 2006, p.174)

Ao analisar este conceito, é possível perceber que existe uma relação entre o bullying e os estereótipos de gênero, pois o bullying visto desta forma, se representa de muitas maneiras, como por exemplo, através das roupas, cabelo, maquiagem, orientação sexual, e também no gênero. Portanto ele é multitemático. Reconhecer isto nos remete a não justificar que os problemas de gênero não existem, mas apontá-lo como fator pedagógico propício de análise, observação e mudança no ambiente escolar. Os estereótipos de gênero geram exclusões e preconceito e não podem ser vistos na amplitude do que diz respeito ao bullying. É preciso um olhar mais minucioso e atento a estas questões.

PERGUNTA 4 E 5

Da mesma forma, indagamos uma próxima discussão que se manifesta na seguinte pergunta: “Você acredita que o estereótipo de gênero entre os alunos influencia no andamento das aulas? Como?”. De acordo com as concepções do professor 1, os estereótipos afetam significativamente o mau andamento das aulas, apontando para uma proposta unificada de aulas separadas por gênero: “Eu acho que separar meninos de meninas não traria aspecto negativo nenhum, porque você está trabalhando a parte motora da criança, não este aspecto de relacionamento menino e menina”. Em seus argumentos verificamos que o professor 1 é a favor de trabalhar apenas os aspectos motores dos alunos, relatando ainda que: “você está ali trabalhando com a parte motora com a criança, tanto faz, não precisa das meninas ali junto com os meninos”. Com esta proposta, ele acredita que os problemas que ocorrem no decorrer das aulas serão sanados e o objetivo traçado,

alcançado com mais precisão.

Diante destes questionamentos ficamos a nos perguntar se, de fato, a educação física deve dar conta apenas dos fatores motores dos alunos, de forma a deixar de lado toda sua riqueza de amplitude de abordagens que ela pode oferecer. Nestes termos, chegamos à conclusão que, mesmo que a educação física tenha passado por muitas mudanças em suas funções e objetivos, principalmente na década de 1980 e, mais recentemente, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais, atualmente é possível defini-la como uma área de conteúdos da cultura corporal de movimento, que por sua vez, afirma que a educação física vai muito além de um trabalho com as capacidades motoras. Por isso os Parâmetros Curriculares Nacionais afirmam que a educação física deve ser tratada:

(...) como uma área de conhecimento da cultura corporal de movimento e a Educação Física escolar como uma disciplina que introduz e o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir dos jogos, dos esportes, das danças, das lutas e das ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida. Trata-se, portanto, de localizar em cada uma dessas modalidades seus benefícios humanos e suas possibilidades de utilização como instrumentos de comunicação, expressão de sentimentos e emoções, de lazer e manutenção e melhoria da saúde (BRASIL, 1998, p.29).

Logo, podemos perceber que este olhar desenvolvimentista aplicado ao trabalho com vivências motoras nas aulas de educação física encontradas nesta pesquisa não contemplam os objetivos e as funções da educação física escolar, segundo o documento oficial da educação brasileira citado acima. Para tanto, é preciso refletir sobre os aspectos que caracterizam a educação física como sendo uma área de conteúdos da cultura corporal de movimento que possibilitem aos alunos o direito de um desenvolvimento integral.

Estes questionamentos também foram dirigidos ao gestor 1, que admitiu mais uma vez que o problema não está no gênero, e sim na imposição de influência da sociedade moderna que ocasiona o bullying dentro da escola. Nestes termos, ele alega que todo problema ocorrido no período de aula, influencia negativamente o andamento da mesma, pois uma vez que uma criança é atingida por um preconceito ela está exposta a situações que prejudicam diretamente seu ensino aprendizagem: “a aula perde o foco, o professor deixa de ser um mediador do conhecimento e passa a gerenciar conflitos dentro da sala de aula”. Por fim, ainda relata que este tipo de situação nas aulas desencadeia diversos outros fatores, como por exemplo,

agressão física e verbal.

De acordo com nossas análises, mais que acreditar que os estereótipos de gêneros entre os alunos influenciam no andamento das aulas, podemos dizer que os conflitos devem ser aliados ao trabalho do profissional na escola. Aliás, segundo Unbehaum (2010) citado por Corsino e Auad (2012, p.29), devemos considerar “a educação física como uma disciplina privilegiada para a promoção da igualdade do gênero e dos Direitos Humanos”. Logo, os conflitos são essenciais para cumprir o papel da educação física enquanto tema indispensável de ser agregado nas escolas. É preciso olhar para o problema com clareza e usá-lo a nosso favor. Contudo, a melhor solução não é a separação dos gêneros. Nestes termos, a autora Oliveira (1996), ainda relata que:

Nas turmas mistas reside um potencial de melhor preparar o indivíduo para sua vida extra-curricular, na qual o convívio com o sexo é inevitável e muitas vezes desigual e conflituoso, devido à falta de reflexão e entendimento sobre o relacionamento humano. São esses os pressupostos que sustentam a ênfase da importância de as turmas de Educação Física serem mistas. (OLIVEIRA, 1996, p.131)

PERGUNTA 5 (DIRECIONADA AO GESTOR 1)

Ainda para o gestor 1 realizamos a seguinte pergunta: “A escola já realizou alguma ação com o objetivo de problematizar as relações de gênero? Se sim, qual(is)?” A resposta obtida para esta questão foi relacionada a fala de que novamente não existe um problema com o gênero, mas que a escola realiza outros projetos que contemplam outros objetivos, buscando parcerias com profissionais da saúde, psicólogos, enfermeiros, segurança pública, entre outros, mas direcionado ao gênero, não.

Não podemos negar que é de suma importância que a escola realize projetos de diferentes esferas oferecendo inovações e conhecimentos interdisciplinares à comunidade e aos alunos, porém as relações de gênero também podem/devem ser problematizadas neste local. Concordamos com Fernandes (2010, p. 112) que a escola é:

Um espaço privilegiado voltado à educação das pessoas, as escolas podem/devem investir na construção de um conhecimento crítico, que problematize as construções desiguais de poder entre as crianças no cotidiano escolar.

É necessário, portanto, reconhecer que a escola é um local privilegiado para

que as relações de gênero sejam discutidas e superadas. Investir neste processo é apostar em um caminho educativo igualitário entre os indivíduos. Logo, concordamos com as discussões de Knijnik e Zuzzi (2010, p.152) quando se certificam que:

Defendemos, assim, a possibilidade de um processo educativo voltado para o convívio e o respeito às diferenças sem que estas sejam cristalizadas em desigualdades. O que implica na desconstrução de referências paradigmas sobre a feminilidade e a masculinidade, num mundo que certamente aprende com Foucault que as essências e as identidades naturais são uma ficção e não uma realidade empírica.

PERGUNTA 6

Num momento posterior, ambos os profissionais foram também indagados a respeito do conhecimento da existência de documentos oficiais (nacionais, estaduais, locais) que abordem as questões de gênero na escola. Diante desta interrogação os entrevistados alegaram desconhecer qualquer documento que tratem a respeito do assunto: “Não, não tenho nenhum conhecimento de documentos oficiais que abordam esse assunto, nunca tive, se existir você me conta” (Gestor 1); “Não, não tenho conhecimento nenhum” (Professor 1).

Sabendo que ambos os profissionais desconhecem os estudos a cerca das relações de gênero na escola, podemos apontar aqui uma hipótese de falha no ensino e formação destes profissionais e também uma possível falha no esboço destas questões nos materiais de apoio dos professores, pois, de acordo com nossa pesquisa de literatura encontramos muitos trabalhos relacionados a este tema, bem como muitas referências de documentos oficiais da educação brasileira que norteiam, ainda que superficialmente, o trabalho do professor a respeito das relações de gênero. Dentre estes documentos podemos citar aqui os Parâmetros Curriculares Nacionais, na qual o tema se encontra como um subtema na orientação sexual.

PERGUNTA 7 E 8

Por fim, destinamos duas perguntas específicas para cada área dos profissionais entrevistados, objetivando identificar pontos característicos da educação física e da gestão escolar, relacionadas ao gênero. Para isso, vamos apresentar primeiramente as questões destinadas ao professor 1.

Neste propósito, questionamos se ele acredita que a educação física é um ambiente facilitador para o surgimento dos conflitos entre os gêneros. A resposta que obtivemos desta questão é que sim, pois se trata de um alicerce de muita competição e relacionamento interpessoal. O entrevistado afirma que, se é trabalhado com a competição, acontecem brigas porque as meninas perdem, e os meninos tem facilidade de ganhar. Num segundo plano, se há presença de atividades que dizem respeito aos relacionamentos interpessoais, atinge o âmbito dos “namorinhos” entre eles, assunto que também ocasionam conflitos. Logo, perguntamos também se ele acha relevante trabalhar as relações de gênero nas aulas de educação física. Analisamos a seguinte resposta: “É importante trabalhar, mais é difícil conseguir alguma coisa com eles porque é atrito o tempo todo.” Para ele, trabalhar com gêneros é explicar que o gênero feminino é mais delicado e não tem tanta força como o masculino, por exemplo.

Segundo Fernandes (2010), “como docentes estamos a todo o momento lidando com as construções de gênero, em um sentido amplo, que ultrapassam os limites escolares” (Fernandes, 2010, p. 118). Portanto, nas aulas de educação física não é diferente. Cabe-nos afirmar que a educação física, por suas próprias características, torna-se um ambiente mais favorável para que aconteçam os conflitos entre os gêneros. Aliás, para Corsino e Audad (2012, p.77), “a educação física é palco de um jogo de resistências e aceitações, ou seja, pode-se perceber que a todo o momento há práticas de dominação, e ao mesmo tempo, de resistência”. Logo, isso não impede que estas questões sejam trabalhadas e debatidas no decorrer das aulas. O professor tem um papel fundamental neste processo como mediador dos conflitos. Nestes termos, relatam que:

A premissa de que as desigualdades de gênero podem diminuir significativamente quando há maior intervenção dos (as) professores (as) na organização das aulas, no que se refere à interação de meninos e meninas e quanto ao que se diz e pratica no que tange as representações acerca do masculino e feminino. Essa intervenção – essa ação orientada na direção da desconstrução das polaridades e hierarquias de gênero – corresponde a uma das ações percebidas como coeducativas, representando um passo adiante e a mais m relação à escola mista. (CORSINO E AUDAD, 2012, p.61)

Muito mais que debater e compreender estas questões, os professores de educação física podem aderir ao desafio que um trabalho com gêneros pode influenciar nitidamente nas relações humanas ocorridas nas escolas. Dessa

maneira, Knijnik e Zuzzi (2010) corrobora com nossas discussões quando afirma que:

Estudar as relações de gênero se torna primordial para começarmos voltar o olhar para o verdadeiro sentido e o significado de se ser homem ou mulher em nossa sociedade, ou melhor, compreender a corporariedade masculina e feminina em sua complexidade, não se limitando a fatores biofisiológicos, a diferenças anatômicas, a rótulos de “masculinidades e fragilidades” (KNIJNIK E ZUZZI, 2010, p.69)

Seguidas destas questões, vamos apresentar as direcionadas ao diretor 1. Fizemos a seguinte pergunta: “Sabendo que a escola é uma grande instituição de encontro das culturas você acredita que ela pode influenciar na construção dos estereótipos de gênero na sociedade?”. A partir deste questionamento o gestor 1 se posicionou novamente, relatando que o problema não está no gênero, mas que quem influencia na formação de pensamentos das crianças é a mídia, uma vez que afirma que a família não tem tempo para educar seus filhos.

Para tanto, também indagamos sob a visão do diretor 1, se ele acredita ser relevante trabalhar as relações de gênero nas aulas de educação física. Ele relatou que é de extrema importância trabalhar todas as relações, não só as de gênero. Ainda relatou que existem coisas mais importantes para se trabalhar: “A relação entre os colegas na escola, professor/ aluno acabou o respeito, não existe respeito mais, agressões físicas e verbais de ambas as partes, dos alunos que não têm tolerância nenhuma e dos professores que estão cansados, enfim, o relacionamento entre as pessoas.”

Um trabalho com gêneros na escola pode fazer toda diferença na sociedade, uma vez que os problemas relacionados ao tema são, por muitas vezes, causadoras de grandes conflitos. Para isso, a escola precisa reconhecê-los, refleti-los e criar propostas para que não seja um órgão que reforce os preconceitos entre os alunos.

Sabendo que escola é uma grande instituição de encontro das culturas, podemos dizer que, segundo Knijnik e Zuzzi (2010, p.69):

Principalmente no contexto escolar, precisa ser um espaço que propicie uma amplitude de movimentos capazes de desenvolver meninos e meninas em todos os aspectos, oferecendo uma variabilidade de oportunidades de vivências para que possa se explorar a diversidade, promovendo a inclusão.

Após tecer nossas considerações sobre a primeira escola, passaremos agora a apresentar a entrevista realizada na segunda escola, de caráter privado. Desta forma, apresentaremos a pergunta realizada, seguida da resposta e suas

discussões pertinentes a este trabalho. Da mesma forma, nomeamos os profissionais da escola privada como professor 2 e gestor 2. Antes de iniciar nossa discussão, é importante salientar que o gestor 2 se recusou a participar de nossa pesquisa semiestruturada com recursos de áudio gravação por motivos pessoais, logo, tivemos que optar em uma entrevista estruturada, na qual o gestor discorreu sobre cada um de nossos questionamentos. Essa descrição foi entregue em mãos com a assinatura do mesmo e carimbo da instituição.

ESCOLA PRIVADA: PERGUNTA 1

Da mesma forma, iniciamos a entrevista na escola privada questionando os profissionais da escola 2 sobre o conceito de gênero e como eles observam esta questão na escola. Nesta perspectiva percebemos que mais uma vez nossa pergunta foi acompanhada de uma breve explicação, pois os entrevistados desconheciam do que se tratava o tema. Após um breve levantamento de explicações, o professor 2 relatou a seguinte frase: “É uma divisão masculina e feminina.” E o gestor 2 chegou a seguinte resposta: “São relações que se estabelecem entre o sexo feminino e masculino”. No entanto, concluo que novamente podemos diagnosticar que estas questões são pouco/ou nada debatidas claramente no ambiente escolar.

PERGUNTA 2

Seguida desta pergunta, indagamos os entrevistados se as aulas de educação física eram mistas ou separadas por gênero. Nestes termos, ambos afirmaram que as aulas são mistas, aparentando reconhecer que este tipo de aulas é importante no ensino-aprendizagem das crianças.

Através das observações das aulas percebemos que professor 2 busca aplicar uma grande diversidade de brincadeiras em suas aulas, proporcionando aos alunos o direito de conhecer todas as áreas possíveis que a educação física oferece, sem constrangimentos entre os gêneros, priorizando a participação de todos, meninas e meninos. As atividades desenvolvidas por ele na escola 2 nos levam a compreender que o professor tanto pode reforçar os estereótipos de gênero entre os alunos como minimizá-los através de sua planejamento didático e forma como age durante os conflitos existentes. Fernandes (2009) bem pontua esta questão quando

afirma que:

Todas as crianças têm o direito de experimentar os conteúdos da educação física- e qualquer conteúdo – com dignidade, independente de serem meninos ou meninas, pois isso lhes permitirá conhecer, entender, interpretar e transformar o mundo. Se os conteúdos dessa disciplina possuem sentidos generificados que dificultam a prática de algumas crianças, ou se as aulas revelam as dimensões conflituosas das relações de gênero, bem como os conflitos raciais, os mesmos precisam ser constantemente polemizados a fim de superar coletivamente as restrições que gênero/ “raça”, impõe às crianças no cotidiano escolar. (FERNANDES, 2009, p.112)

Para tanto, mais que aplicar os conteúdos aos alunos em aulas mistas, nos quais eles têm direito, é preciso também saber lidar com os conflitos e com as diferenças existentes entre os indivíduos. O professor não pode reforçar os estereótipos de gêneros, por isso, Corsino e Auad (2012, p.88) concluem que:

Entende-se que há necessidade de que professores e professoras considerem novas formas de organização nas aulas de educação física, tomando os cuidados necessários para que as relações desiguais de gênero não sejam produzidas e potencializadas. Tais objetivos poderão ser atingidos a partir da elaboração de diferentes estratégias, considerando-se as formas de organização dos (as) alunos (as), de modo que as misturas sejam oferecidas como uma das possibilidades de procedimento didático.

PERGUNTA 3

A terceira questão se refere à seguinte pergunta: “Você já vivenciou situações de conflitos provocados pelos estereótipos de gênero no ambiente escolar?”

O gestor 2 nos afirmou que já vivenciou diversos conflitos dentro da escola, porém em outras esferas, mas relacionado ao gênero, não.

Já o professor 2 se recordou que em algumas de suas aulas os meninos que iriam jogar queimada eram encarregados de diversos apelidos maldosos pelos colegas de classe. O mesmo ocorria quando as meninas decidiam jogar futebol. Esta argumentação nos fez refletir que de fato, por muitas e muitas vezes esta cena se repete até os dias atuais nas aulas de educação física. Meninos querem jogar futebol e meninas, queimada, ou seja, quem se manifesta diferente deste padrão é visto com estranhamento. E isso também acontece com outros conteúdos que por sua vez, são classificadas, marcadas pelos indivíduos com características femininas ou masculinas, como isso definisse a masculinidade e a feminilidade de uma pessoa.

Para Fernandes (2010), isso acontece porque as práticas se encontram

generificadas em nossa sociedade:

O futebol, a dança, a ginástica, entre outros conteúdos, recebem diferentes influências das construções entre os sentidos de feminino e masculino em nossa sociedade. Vamos testar? Fechem os olhos pensem em uma partida de futebol; quem está jogando? Agora pensem em uma apresentação de ginástica rítmica; quem está se apresentando? Quando pensamos em futebol, é mais comum formarmos de imediato uma imagem de meninos jogando esse esporte. No caso da ginástica rítmica (GR), a própria prática dessa modalidade ginástica exclui a possibilidade de os meninos exercerem-na como esporte de competição no Brasil. (FERNANDES, 2010, p.102)

Não é difícil reconhecer estas características de generificação atrelada à área de educação física. Segundo a autora, estas concepções destinadas a determinadas práticas são originárias muitas vezes, de nossas próprias experiências pessoais. Nada é tido como natural, e sim cultural. Então é preciso reconhecer que o problema não está em gostar deste ou daquele conteúdo, mas no significado que damos a eles. Não é porque uma menina optou em praticar futebol que ela é “mulher-macho”, ou então “sapatão”, e nem mesmo um menino que joga queimada deve ser chamado de “mulherzinha”. Compreender as práticas corporais de movimento como um direito de todos (ambos os gêneros) é um importante passo para uma educação mais igualitária e livre entre os alunos na escola. Desta forma, o profissional de educação física estará contribuindo para a ressignificação das práticas das atividades. Segundo Fernandes (2010, p.103) é preciso conhecer “argumentos que permitam conhecer melhor, criticar e transformar as ações pedagógicas referentes aos significados de gênero na escola”.

PERGUNTA 4

Conforme a sequência de apresentações dos resultados, questionamos se os entrevistados acreditam que o estereótipo de gênero entre os alunos influencia no andamento das aulas. Nestes termos, o gestor 2 caracterizou os estereótipos como problemas de bullying, discorrendo que deve haver intervenções nos conflitos, o que acarreta na interrupção da aula para resolução do mesmo. Diante de suas concepções apresenta à seguinte ideia: “Isto poderá influenciar no andamento das aulas, mas estará trabalhando o que é necessário naquele momento”.

Percebemos que quando tratamos em estereótipos de gênero, por algumas vezes os entrevistados os apontaram como um problema de bullying, porém, como já discutido anteriormente o bullying é apenas uma manifestação de um problema

que pode surgir por diversas causas, inclusive pelos estereótipos de gênero. Portanto, não podemos confundir estas duas palavras.

Nos princípios abordados pelo gestor 2 é possível perceber que ele foi feliz em seu comentário quando afirma que parar a aula para resolver um conflito é trabalhar com o que a sala está necessitando naquele momento. Diante de nossas pesquisas e análises foi possível perceber que os conflitos devem ser grandes aliados dos profissionais da escola, além de ser um importante sinal de alerta para diagnosticar os problemas de nossos alunos. Para Knijnik e Zuzzi (2010, p.151) na resolução destes conflitos é necessário, portanto:

Problematizar as sexualidades e as diferenças de gênero e meio às situações e práticas elaboradas nas aulas de educação física, para desconstruí-las, uma vez que não apenas se produzem socialmente, mas que também estão investidas de poder. Tarefa da escola que coaduna com a educação para os direitos, o compromisso com os direitos de meninos e meninas, garotos e garotas, adolescentes e jovens e sua autonomia moral, para reconhecer e respeitar a realidade, a diversidade e a singularidade de experiências e vivências.

Nas concepções do professor 2, analisamos que, ao contrário do gestor 2, ele acredita que os estereótipos de gênero (conflitos) influenciam no atraso das aulas, seguidas de algumas punições, como por exemplo, “se acontecer de novo, não vamos mais brincar disto”. Ou seja, o problema não é trabalhado e sim, imposto aos alunos sob custódias de ordens a serem obedecidas. Diante disso, é preciso nos questionar sobre quais são nossos objetivos enquanto educadores e como fazer isso para promoção de cidadãos críticos e pensantes na sociedade. Não basta puni-los ou corrigi-los com ordens a serem obedecidas. É preciso despertar o ser humano crítico que está em formação dentro de cada criança. Somente a reflexão e a discussão são capazes de alcançar tal situação.

PERGUNTA 5 (DIRECIONADA AO PROFESSOR 2)

Posteriormente, traçamos a seguinte pergunta ao professor 2: “Você acredita que as aulas separadas por gênero trazem aspectos negativos ao ensino-aprendizagem nas aulas de educação física? Por quê?”. Para início de discussão, ele nos deixou claro que é totalmente contra uma educação física que separa meninos e meninas durante as aulas: “Eu acho que uma atividade tem sempre que primar os dois lados da moeda, masculino e feminino, afinal de contas, nós temos o

direito de igualdade”. Portanto, ele acredita que as aulas separadas por gênero trazem muitos aspectos negativos, mas que infelizmente até em sua formação de graduação, que ocorreu no ano de 2003, ocorreu este tipo de estereótipo, o que até hoje, se reflete em suas práticas profissionais. Em seus relatos ele nos contou que:

Quando eu fiz faculdade nós éramos separados por gênero, as meninas não tinham futebol, não tinham futsal e os meninos não tinham Ginástica Geral e a nossa indagação era: porque se nós estávamos ingressados em uma faculdade, pra gente se torna profissional, educador físico, tendo que trabalhar com isso e não tivemos. Porque trabalhar com fitas, com arcos, com cordas era um preconceito dentro da faculdade. Éramos extremamente contra isso, aliás nosso primeiro ano de faculdade nós fomos separados por gênero, era horrível. Foi uma sala de meninos e uma sala só de meninas. Era uma baderna porque os professores falavam assim: nossa o grupo feminino é superprodutivo, são centradas e os meninos eram sempre arruaceiros, estressados, os professores jogando giz. Mas isso aconteceu na faculdade. E eu sou totalmente contra isso. Eu acho que uma atividade tem sempre que primar os dois lados da moeda, masculino e feminino, afinal de contas nós temos o direito de igualdade. (PROFESSOR 2)

Com estes relatos é possível também atentar um olhar mais cauteloso para a formação dos profissionais da área da educação. Uma instituição não deve ser formadora apenas de profissionais para o mercado de trabalho. Deve ser formadora de opiniões através de cidadãos autônomos, que saibam criticar e transformar seus preceitos através de suas ações. Uma instituição formadora que não privilegia a igualdade em seu ambiente, não cumpre seu papel social. Para tanto, vamos chamar atenção para as seguintes questões: Será que fomos preparados para debater sobre o tema gênero nas aulas de educação física? Será que somos capazes de resolver os conflitos sem reforçar os estereótipos de gênero? Como fazer isso? Essa e outras reflexões nos levam a pensar sobre a relevância em se tratar de gêneros principalmente na graduação, momento de aprendizagens e inovações em um grupo.

PERGUNTA 5 (DESTINADA AO GESTOR 2)

Ao gestor 2, a quinta pergunta se apresentou da seguinte forma: “A escola já realizou alguma ação com o objetivo de problematizar as relações de gênero? Se sim, quais?” Para esta proposta, o gestor 2 nos afirmou que ainda não houve nenhuma movimentação na escola dentro deste tema, porém a escola sempre trabalha com outros problemas que possam surgir no decorrer do ano letivo, proporcionando projetos de conscientização contra a discriminação, por exemplo.

Percebemos que o gestor 2, apesar de afirmar que a escola não realiza nenhum tipo de ação diretamente ligada ao gênero, compreende que a escola não deve favorecer nenhum dos gêneros e que é necessária a intervenção da gestão e do professor.

PERGUNTA 6

Posteriormente, questionamos se ambos os profissionais possuem o conhecimento da existência de documentos oficiais (nacionais, estaduais, locais) que abordem as questões de gênero na escola. O professor 2 relatou a seguinte frase: “Existe sim, eu só não estou lembrado agora, mas existe.” Em suas falas ele assegurou que existem documentos que falem a respeito de gênero. Quando pedimos um exemplo, ele não se recordou. Já o gestor 2 respondeu que não tem conhecimento dos conteúdos abordados a respeito do gênero, mas afirma que os Parâmetros Curriculares Nacionais tratam deste assunto em suas entrelinhas.

PERGUNTA 7 (DESTINADA AO PROFESSOR 2)

Agora, fizemos a seguinte pergunta direcionada ao professor 2: “Você acredita que a educação física é um ambiente facilitador para o surgimento dos conflitos entre os gêneros? Por quê?” Em suas considerações ele nos relatou a seguinte frase: “Não, não é uma questão de ambiente facilitador”. Para tanto, ele acredita que assim como ocorrem conflitos de gênero nas aulas de educação física, também ocorrem na sala de aula na mesma intensidade.

Diante de nossas observações realizadas na escola 2, podemos dizer que analisamos um comportamento muito diferenciado dos alunos na sala de aula e posteriormente na quadra (pátio aberto), local onde ocorre a maioria das aulas de educação física. As crianças se sentiam mais a vontade e assim, livres para desenvolver suas atividades de uma maneira mais prazerosa e espontânea. Logo, acreditamos que aumentaram as chances dos surgimentos de conflitos entre os gêneros por várias características que a aula oferecia como, por exemplo, competição. Nestes termos também percebemos que meninos e meninas não se misturavam, apenas quando o professor solicitava.

Contudo, não podemos negar que os conflitos entre os gêneros podem

ocorrer em qualquer situação na vida dos indivíduos, seja na escola, em casa, na sala de aula ou na quadra. As relações acontecem em todas as esferas da sociedade. Portanto, ao analisar a resposta do professor 2 percebemos que, por outros âmbitos, a educação física por suas próprias características, como já citado anteriormente, corrobora para que as relações de gênero aumentem em determinados momentos. Nestes termos, Louro (1997) citado por Knijnik e Zuzzi (2010, p. 91) concluem que:

Na educação física os alunos e as alunas manifestam uma “identidade simbólica” rígida e fixa acerca do que é masculino ou feminino, reproduzindo normas para cada sexo, que moldam corpos e comportamentos. O docente que pretende refletir sobre as influências das questões de gênero na EFe necessita ampliar o entendimento sobre as igualdades do gênero, de uma forma “sólida” para outra “fluída”, levando em conta a série de fatores que interfere na construção das identidades, fazendo com a masculinidade e feminilidade sejam conceitos que vivemos, experimentamos, sentimos, simbolizamos e representamos, independentemente do sexo, variando de acordo com a sociedade e a cultura em que a mesma se encontra inserida.

PERGUNTA 7 (DESTINADA AO GESTOR 2)

Ao gestor 2 destinamos a seguinte pergunta: “Sabendo que a escola é uma grande instituição de encontro das culturas você acredita que ela pode influenciar na construção dos estereótipos de gênero na sociedade? Como?” A resposta obtida foi que sim. O gestor 2 nos relatou que, se a escola se voltar para o privilégio de um dos gêneros ou se der liberdade aos alunos sem intervir quando for necessário, ela pode influenciar muito na construção dos significados dos gêneros.

Reconhecer os aspectos relatados pelo gestor 2, se torna um desafio cada vez maior na área da educação física escolar, e faz da escola um local diferenciado em relação a uma educação mais igualitária. Uma das dificuldades vistas em nossas observações em ambas às escolas é que, por muitas vezes o tratamento destinado aos meninos os caracteriza como os “valentões”, os “fortes”, e as meninas de que devem ser “delicadas” e “dóceis”. Reforçar estes termos na escola é investir na diferença entre os gêneros e reforçar a ideia de que os meninos são superiores às meninas devido às características aderidas a ele. Para tanto, quando a escola abraça a causa de que é preciso trabalhar as relações de gênero sem dar privilégio ou tratamento diferenciado em termos de superioridade ou inferioridade aos alunos, ela pode alcançar os objetivos esperados para uma educação de qualidade, como

direito de todos.

PERGUNTA 8

Por fim, na pergunta 8, encerramos nossa entrevista interrogando se os profissionais da escola 2 acreditam que seja relevante trabalhar as relações de gênero nas aulas de educação física. Ambos nos responderam que sim, mostrando que isso pode gerar mais igualdade entre os alunos. O professor 2 ressalta a seguinte frase: “Eu acho que é muito importante você falar da igualdade e ao mesmo tempo das diferenças”. E o gestor 2 interpela que é importante problematizar as relações de gênero, buscando uma equidade entre os gêneros. Para tanto ainda relata que: “É importante permitir que os alunos pensem e reflitam sobre essas questões”.

Knijnik e Zuzzi (2010, p.59) discutem em seu texto que trabalhar com gêneros na escola é um desafio cada vez maior:

Os professores e professoras da área precisam estar atentos não apenas para as metodologias utilizadas em suas aulas, mas também para os referenciais epistemológicos de modo que a prática pedagógica seja espaço de construção de repertórios capazes de questionar a fixidez e rigidez das matrizes de gênero que ditam o próprio para homens e mulheres e que, não raras vezes, sobrepõe o homem à mulher.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como objetivo diagnosticar como está o debate sobre gênero a partir dos documentos oficiais e das concepções dos gestores e professores de educação física do ensino fundamental I (1° ao 5° ano) de duas escolas da cidade de Muzambinho, uma de caráter privado e outra de rede pública.

Diante dos dados obtidos, concluímos que os profissionais que participaram desta pesquisa, ainda que contemplem um debate sobre o tema, não compreendem as questões de gênero como um problema gritante na escola, que precisa ser cautelosamente trabalhado entre os alunos desde os anos iniciais. Para tanto, percebemos que em suas compreensões, tratar de gênero é um aspecto secundário quando se interpreta os motivos que geram exclusão e preconceito nas aulas de educação física. Por vezes, os estereótipos de gênero, ficam confundidos com bullying.

Acreditamos que através deste trabalho foi possível analisar as concepções dos profissionais que representam uma pequena parcela da área da educação física na escola no que diz respeito às relações de gênero. Assim, é possível refletir sobre as limitações do tema para que possam ser superadas, não se restringindo a critérios de separação de meninos e meninas na escola, pois percebemos que a escola, bem como seus professores, pode minimizar ou reforçar os estereótipos de gênero existentes.

Da mesma forma, nas aulas de educação física devem ser propostas situações de reflexões sobre as relações de gênero.

Sugere-se para uma próxima pesquisa, que seja realizado um estudo em longo prazo com o propósito de investigar soluções para que os profissionais da escola estejam aptos a trabalhar com as relações de gênero, contribuindo para a construção de uma educação mais igualitária.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual/** Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CORSINO, Luciano Nascimento; Auad, Daniela. O professor diante das relações de gênero na educação física escolar. São Paulo: Cortez, 2012 - (Coleção educação & saúde; v.7)

DAOLIO, Jocimar. **Cultura: Educação Física e Futebol.** 2ª ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003.

DAOLIO, Jocimar. **Os significados do corpo na cultura e as implicações para a educação física.** Movimento, Porto Alegre. Vol 2, n.2 (jun. 1995). Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/19309>>. Acesso em 23/06/2012.

FERNANDES, Simone Cecília. “Cadê a bola Dona?” Ou sobre os significados de gênero nas aulas de educação física. In: DAOLIO, Jocimar (Coord.). **Educação Física Escolar: Olhares a partir da cultura.** 1ª Ed. Campinas: Ed. Autores Associados, 2010.

FERNANDES, Simone Cecília. **Os Sentidos de Gênero em Aulas de Educação Física Escolar.** Campinas, 2008. 116 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da língua portuguesa.** Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 2001.

GEBARA, Ivone. **Rompendo o Silêncio: Uma fenomenologia feminista do mal.** Ed. Vozes 2ª Ed. Petrópolis, 2000.

GOELLNER, Dr. Silvana Vilodre. **A Educação dos Corpos, dos gêneros e das Sexualidades e o Reconhecimento da Diversidade.** Cadernos de Formação RBCE, Campinas, p. 71-83, mar. 2010.

KNIJNIK, Jorge Dorfman (Org.); ZUZZI, Renata Pascoti (Org.). **Meninas e Meninos na Educação Física.** Gênero e Corporeidade no século XXI. Ed. Fontoura. Jundiaí-SP. 2010.

MARIANO, Marina. **A educação física na educação infantil e as relações de gênero: educando crianças ou meninos e meninas?** Campinas, 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Física) Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

NUNES, Anísio da Silva. **As diferenças entre pesquisa explicatória, descritiva e explicativa.** Disponível em: <http://www.posgraduando.com/guia/as-diferencas-entre-as-pesquisas-exploratoria-descritiva-e-explicativa>. Acesso em 15/06/2013.

OLIVEIRA, Flávia Fernandes de; VOTRE, Sebastião Josué. **Bullying nas aulas de educação física.** Revista Movimento, Porto Alegre, n. 02, p. 173-197, maio/agosto de 2006.

OLIVEIRA, Greice Kelly de. **Aulas de Educação Física para turmas mistas ou separadas por sexo?** Uma análise comparativa de aspectos motores e sociais. Campinas, 1996. 148 p. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

PEREIRA, Mateus Camargo; CASTELAN, Lia Polegato. **Relação de gênero e educação física escolar: possibilidades pedagógicas.** 2011. (Mimeo)